



entrevista com

DOMINGOS DE SALVI

Entrevista com Domingos de Salvi, músico, professor e pesquisador nascido em Limeira-SP, em 20 de abril de 1984. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 11 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Tati: Você é natural de onde?

Domingos: Sou natural de Limeira, interior de São Paulo. Uma cidade na região de Campinas, perto também de Piracicaba, cidade importante também na questão da viola caipira. Ali tem bastante cururu, tem o Rio de Piracicaba. Limeira é uma cidade em que se perdeu um pouco essa questão da tradição de viola. Hoje em dia, o pessoal tem resgatado Folias de Reis... Mas a Limeira que eu nasci era uma Limeira muito operária, final de semana churrasco na casa das pessoas, brincadeiras na rua, coisas assim.

Tati: Na sua infância você já tinha alguma relação com a música?

Domingos: Tinha uma relação de ouvir música, meu pai e minha mãe ouviam muita música, meu pai comprava muitos discos. Roberto Carlos, a coleção toda de Roberto Carlos ele tinha em vinil. Mas ele gostava muito de ouvir Clara Nunes, Martinho da Vila, Fagner. Minha mãe também sempre gostou de música clássica, era bem eclético, então eu ouvia muita música. Não tinha o contato propriamente com o instrumento, nesse período, nessa primeira infância, vamos dizer.

Sara: Quando você teve o primeiro contato, que instrumento?

Domingos: Eu acho que foi a partir do momento quando meus pais se separaram, fui morar na casa da minha avó. E na casa dos meus avós maternos, meu avô toca violão até hoje, é poeta e meu tio mais novo também toca violão. Na época ele estava começando a tocar, mas já se destacava no meio dos amigos, então naquele período comecei a ver as pessoas tocarem violão na minha frente. Esse foi o primeiro contato, mais precisamente com o instrumento.

Tati: E com a viola como foi seu primeiro contato?

Domingos: A viola começou primeiro com a questão auditiva mesmo, da audição do repertório das duplas caipiras. Com onze, doze anos eu já comecei a ouvir bastante Tião Carreiro e Pardinho, Tonico e Tinoco, Zé Carreiro e Carreirinho. Meu avô era muito fã do Zé Carreiro e Carreirinho, então eu ouvia bastante essas duplas. Aí o contato com a viola mesmo veio já quando estava com dezoito pra dezenove anos, eu ganhei o instrumento da minha mãe. Minha mãe me deu uma viola que comprou de um senhor, um violeiro que havia falecido, então a filha desse violeiro estava vendendo sanfona dele, as ferramentas, viola, tinham outras coisas... Aí minha mãe comprou uma viola achando, na verdade, que era um violão. Na época foi vinte reais que ela pagou! Mas vinte reais, na época, valia um pouquinho mais, ainda assim era um preço muito insignificante. Ela levou pra casa do meu avô essa viola e aí ele falou: "isso não é um violão, é uma viola." Lembro que vi aquele instrumento cheio de cordas, aí fiz assim [*Dedilha a viola*] Claro que estava tudo desafinado, mas aquilo me tocou muito. Mudou minha vida naquele momento. Mas foi assim que chegou a viola, meio por acaso, a minha mãe achando que era um violão. Porque eu já

tocava violão nesse período, antes da viola eu toquei outros instrumentos, mas a viola aconteceu dessa forma.

Tati: E quem foi seu professor?

Domingos: Uma coisa que colaborou muito com meu aprendizado no instrumento foi a própria questão da audição mesmo, você ter audição do repertório ajuda de maneira incrível. Porque a viola, os traquejos do instrumento, você tem que ouvir as duplas, os violeiros de duplas caipiras, os violeiros solo também. Tem que ouvir porque cada um tem um jeito, um trejeito de fazer os ritmos. Como eu ouvia bastante já as duplas foi um pouco fácil a parte inicial. Fui meio sozinho no começo, bastante parte do caminho eu fui só mesmo, ouvindo, tentando tirar de ouvido. Lembro que quando comecei, conseguia tirar um solo do Tião Carreiro, começava a me sentir violeiro ali! Era muito legal essa descoberta, muito empírica mesmo, não tinha estudo formal de música então eu ia bem experimentando, descobrindo. Nesse período, final de 1999, início dos anos 2000... A viola chegou em 2003, mas em 2000, 99, por aí, teve um programa na TV Cultura chamado “Violeiros do Brasil”, organizado pela Myriam Taubkin. Ela reuniu uma série de violeiros e fez vários shows por SESCs no estado de São Paulo. Depois a TV Cultura televisionou e nessa época eu assistia muito a TV Cultura. Aí quando deu a chamada desse programa fiquei super ligado pra não perder nenhum e gravei em fita VHS na época. Eu gravei todos e nem tocava viola nesse período. Nossa, fiquei encantado! Vi o Roberto Corrêa tocando, Ivan Vilela, o Pereira da Viola, Zé Mulato e Cassiano, os saudosos Renato Andrade, Zé Coco do Riachão, que estavam no auge do reconhecimento deles também. Foi um programa muito especial, acredito que influenciou muita gente a tocar viola. Então, quando recebi a viola, dessa maneira meio por acaso, eu já tinha essa audição, um pouco desse conhecimento dos violeiros solistas. Foi muito bom, eu também tentava tirar de ouvido. Ficava lá tentando tirar “Araponga Isprivitada”, do Roberto Corrêa. Eu via a mão dele fazendo assim, aí tentava copiar. Foi muito especial esse período, foi uma escola mesmo.

Tati: Era só de assistir ou você teve alguém que te ensinou? Foi um estudo autodidata?

Domingos: Nesse período foi bem autodidata mesmo. Só que era assim, hoje em dia a gente tem *You Tube*, você vai no *You Tube*, nessas mídias digitais... Eu lembro que colocava a fita, tinha que ficar voltando a fita, o maior trabalho. Mas teve um momento que as pessoas começaram a notar meu desenvolvimento na viola, então comecei a receber alguns convites para dar aula. E mesmo sem saber tocar direito, falei: poxa! Aceitei, comecei a dar algumas aulas. Não tinha sistematizado nada, senti uma necessidade de realmente aprofundar com mais base, entender melhor o que eu estava fazendo. Comecei a procurar professores na minha cidade mesmo que é Limeira. Fui em uma escola, procurei, tinha um professor lá, o Rafael, da dupla hoje Eduardo e Rafael. Aí conversei com ele, me mostrou algumas coisas, falou de alguns métodos. E eu acho que esse instinto autodidata, na hora que descobri isso, descobri que existia alguns métodos... Ele me corrigiu algumas coisas, falei: opa, beleza! Aí desisti de fazer aula com ele e continuar o meu estudo autodidata. Com aquilo que ele me

ensinou naquela conversa... Fui atrás dos métodos também. Em Limeira viola não era tão difundida, na época em nenhum lugar, a viola estava ainda... Esse momento que estamos vivendo da viola hoje, naquela época estava começando, você entrava nas lojas de música não tinha instrumento pra comprar. Até que um dia... Tinha o Braz da Viola, também no “Violeiros do Brasil”, esse programa. Aí entrei em contato com o Braz da Viola, mandei uma mensagem pra ele ou liguei, acho que liguei, na época. Perguntei se ele me aceitaria, pra me dar uma aula. Fui até a casa dele, na época ele morava em São Francisco Xavier. Passei lá uma manhã com ele, viajei um tempão, saí de casa super cedo, foi bacana. Ele me deu uma aula, esclareceu algumas coisas da metodologia que ele já utilizava e aquilo me ajudou bastante também. Voltei pra casa, aprofundi um pouco mais naquela linguagem. Nisso eu já estava entrando cada vez mais no universo da viola instrumental. Então foi bem bacana! Vamos dizer que o primeiro professor com quem eu tive aula foi o Braz da Viola. Não sei nem se ele lembra disso, acho que não, mas foi... Comecei a receber convite de escolas pra dar aulas, escolas de música lá na minha cidade. Até que passou um tempo, recebi convite do maestro Rodrigo Müller para inaugurar, dar início ao curso de viola caipira da Sociedade Pró Sinfônica, um curso da escola da Orquestra Sinfônica da cidade de Limeira. Era um curso livre e a viola seria o primeiro curso de música popular. Assumi essa demanda em 2005, foi outro desafio também ali. Conforme fui dando aula senti outra necessidade de novo, falei: agora preciso me aprofundar mais, estou com uma responsabilidade maior. O curso era coletivo, eu dava aula sempre para dez pessoas, um número assim, então você tem um público muito diverso. Ali comecei a sentir essa necessidade de ampliar o leque metodológico e de repertório também. Aí mandei um e-mail para o Ivan Vilela, ele me respondeu rápido e nessa época ele morava em Ribeirão Preto, era professor na USP de Ribeirão. Também fui lá, na casa dele em Ribeirão Preto, tive uma aula com ele. Foi muito bacana... Foi uma aula que até hoje me influencia muito e, na verdade, mal peguei na viola porque ele também não me conhecia, pediu: “toca alguma coisa para eu ver como que é...” Depois que eu toquei ele falou: “Domingos, posso só falar de postura hoje?” Aí foi um pouco frustrante pra mim, na hora, falei: “nossa, poxa, falar de postura, não vai tocar...” Mas foi revolucionária essa aula, até hoje eu reflito sobre essa maneira, essa técnica, a questão corporal mesmo, a influência que isso tem na tocabilidade. Abriu um mundo pra mim essa aula, foi muito especial também. Então minha segunda aula, meu segundo professor foi o Ivan Vilela. Depois fiz mais uma aula com ele, mas foi assim, dois encontros... Bem espaçados... Mas sobretudo eu estava aprendendo muito dando aula. Cada aluno ali, nossa senhora! Cada um era uma escola porque você encontra pessoas que estão começando a tocar um instrumento pela primeira vez e você encontra pessoas que já são violeiras, só que às vezes, por um motivo ou outro das demandas da vida, ela deixa o instrumento guardado e esquece, vê uma oportunidade e retoma. Esse momento foi 2005, 2006, era um momento muito especial, eu acho, na cultura geral do Brasil. Porque os cursos de viola estavam se espalhando pelo estado de São Paulo todo. Não só estado de São Paulo, mas Minas [Gerais], Mato Grosso, outros estados, em Brasília também. Uma força muito grande com essa questão dos cursos coletivos e, paralelo a isso, também o aumento das Orquestras de viola.

Então, nossa... Lembro de alguns alunos meus, uns senhores que tinham um toque de viola já muito rebuscado só que queria melhorar, enfim... Engraçado porque eles chegavam se sentindo como se não soubessem nada, pelo fato de estar numa escola. Isso é uma contribuição muito importante que a viola tem dado à música brasileira, ao ensino da música no Brasil: essa memória musical que quem ouve viola, ou quem carrega uma prática já desse instrumento, traz consigo. É uma memória que está disponível pra gente utilizar, se apropriar disso e passar pra frente, é uma riqueza. Porque a viola é um instrumento que a gente sempre vai estar ensinando usando a referência de alguém. Sempre a gente fala: “você viu? Aquele fulano, faz o toque de cururu desse jeito... Aquele faz uma guarânia assim...” É uma gama de detalhes que estão espalhados pelos violeiros e que hoje os professores tentam trazer isso, sistematizar. Acho que a gente está num momento importante agora do ensino.

Sara: Então você participou da Orquestra de Viola? Você na verdade fundou uma e também participou de alguma?

Domingos: É, nesse curso que eu assumi na Orquestra, na Sociedade Pró Sinfônica, houve um momento de montar e organizar uma orquestra, a Orquestra de Violeiros de Limeira. Foi a primeira Orquestra, em 2006 a gente fez a inauguração lá. Eu nunca tinha participado de nenhuma orquestra, comecei também aprendendo, reunindo o pessoal, fazendo um trabalho bem simples, mas muito verdadeiro. Lembro quando a gente apresentou no teatro de Limeira, as pessoas ficavam emocionadas, batiam palma, levantavam. Nossa, foi um momento especial mesmo! Eu acho que todo mundo que estava vivendo esse momento estava sentindo isso, essa coisa da viola se expandindo, chegando nos jovens, havendo esse encontro, nas orquestras, dos idosos e dos jovens. Depois recebi um convite pra participar da Orquestra Filarmônica de Violas de Campinas, que tinha como diretor o Ivan Vilela. O Ivan já havia me convidado, mas acabei não indo. Depois de um tempo fui estudar música mais formalmente na ULM, Universidade Livre de Música, hoje é a EMESP, em São Paulo. É um conservatório de música. Lá fui ter aulas periódicas, aula não só de instrumento, mas das outras disciplinas que acompanham uma prática musical, formação musical mesmo. Lá conheci o João Paulo Amaral, foi meu professor por três anos. O João também foi uma descoberta maravilhosa, meu mundo musical, a partir daquele momento, nossa, foi outra transformação incrível. Muito bom! Ao passo que eu ia dando aula, estudando mais, o meu material didático ia melhorando, minhas aulas também, foi um crescente muito bonito.

Tati: Você seguiu uma carreira paralela de músico e de professor, essas coisas se complementam?

Domingos: Ah, se complementam, viu? Com certeza! Em 2006 eu comecei... Digamos assim: profissionalmente na música eu comecei como professor. Mas em 2006 comecei meu primeiro trabalho musical tocando viola mesmo. Era o grupo Cirandeiros. Trabalho bacana, a gente fazia um repertório com as influências regionais, da música chamada regional brasileira, ou das influências da cultura popular: Maracatu, Folias de Reis... E isso me trazia

muito o lado da pesquisa musical. Nossa! Complementava totalmente com meu lado professor. Enquanto professor de viola caipira também, porque a viola é um instrumento muito ligado às tradições, ela faz parte. Há tradições em que se encontra viola: Catira, Folia de Reis, Folias do Divino. Com os Cirandeiros comecei a fazer um pouco dessas pesquisas e também levar esse material, essas descobertas, para as aulas. Então nesse aspecto complementava bastante. E também, enquanto professor, para aquele aluno que estava aprendendo, que eu estava ensinando: “Olha, você toca desse jeito, tal...” O fato de você ser músico também, ter uma carreira, tocar, se apresentar... É um diferencial, mostra que aquilo que está ensinando realmente você tem uma prática, não é só uma teoria. Então o aluno também olha o professor com um pouco mais de confiança, vê que o professor tem uma prática musical mesmo daquilo, não é uma coisa só em aula. Nesse aspecto um lado complementa o outro, é muito rica essa troca.

Tati: E que qualidades precisa ter para ser um bom professor de viola?

Domingos: É, os luthiers falam que um bom luthier precisa ter paciência, o professor também precisa ter muita paciência. Mas claro, o professor precisa ter uma base, ou pelo menos, igual no meu caso, comecei ensinando sabendo muito pouco, mas eu tinha muito interesse, estava sempre buscando saber mais. Acho que o professor tem que ter uma base que ele se envolva com aquilo. Por exemplo, não basta ensinar uma coisa que vou ali no livro, pesquiso como é, e só pesquiso para ensinar. Uma qualidade que o professor tem que ter é essa qualidade do engajamento com aquilo que é ensinado. Por exemplo, ensinar coisas que ele realmente pratica, faz parte do universo dele. Acho que isso é uma qualidade fundamental: engajamento do professor com o material ensinado. Bom, o professor precisa ser bastante paciente, porque a paciência ajuda o professor a olhar o aluno de maneira mais ampla. Tem professor que às vezes fica muito afobado e acaba sendo um pouco... Não tão didático, vamos dizer assim, a didática do professor passa um pouco pela paciência. E eu acho que gostar um pouco do ser humano, sabe? O professor também precisa gostar de gente! *[Risos]* O professor precisa gostar de conversar, olhar a pessoa, ver, sentir um prazer, sentir uma satisfação em saber que a pessoa está desenvolvendo o que está sendo ensinado. Ah, são muitas as qualidades que um bom professor precisa ter, mas basicamente esse engajamento, o interesse pela pessoa e a paciência acho que já começa bem! *[Risos]*

Tati: Sua história como compositor, de onde vem inspiração? Como começou? Como é seu processo criativo?

Domingos: Eu me considero um compositor ocasional. Não tenho uma produção de composição muito grande, mas tem alguns portais que me abrem esse canal. A viola é um instrumento muito intuitivo... Vejo pessoas que vêm de outros instrumentos de cordas, quando pega a viola a pessoa começa a compor muito, muito mesmo. Acho muito bom isso porque a viola é um portal bem importante para a composição. A primeira música que eu fiz de viola chama “Onde mora a viola”. Até mostrei para o Braz da Viola, na época... É uma música muito simples, eu queria melhorar ela, ele falou: “olha, eu acho que está pronta essa

música.” O que me movia, naquela época, era falar das coisas boas que a viola trazia para a minha vida, então eu gostava de falar que a viola... A letra fala: “Quem sabe onde mora a viola, é num lugar bonito só que está esquecido.” Umas coisas muito assim, ingênuas, mas era uma coisa que eu sentia naquela época. Esquecido por quê? Quando eu tocava viola, as pessoas que nunca tinham ouvido viola ouviam aquilo e ficavam encantadas. Então é um lugarzinho como se tivesse esquecido dentro da gente. A gente ouve aquilo e desperta novamente. Outra coisa que me traz muita inspiração para compor é trilha sonora para documentários... A primeira trilha que fiz foi para uns amigos da UNIMEP, eles estavam fazendo um filme que contava a história de uma Kombi, a Fátima! A gente foi lá, gravou tudo, conversando: “olha, essa cena vai ser assim, tal...” Aquilo já me trazia imagens e inspiração para compor. Enfim, depois, com o passar do tempo comecei a fazer alguns trabalhos e aí vinham imagens, a pessoa, às vezes, pedia uma trilha e mandava a imagem: “olha, daqui de tal minuto a tal minuto eu quero trilha.” Aquilo também me aguçava muito a criatividade, aí eu compunha bastante mesmo, mas já pensando na trilha, às vezes era um minuto, trinta segundos. Mas muitas coisas me influenciam a compor. Recentemente, há uns quatro anos, como passa rápido o tempo! Tive oportunidade de ficar um tempo em Portugal e lá compus algumas músicas, cada uma tem uma inspiração diferente. Fiz uma viagem internacional, então, cada país que eu entrava, achava muito estranho passar pela polícia do país, sabe? Essa identificação, essa coisa da fronteira mesmo. Acho que você ter que se identificar para entrar num país, tudo bem, existe essas coisas, mas isso me gerava muita reflexão, o por quê das fronteiras. Por que não posso entrar aonde quiser? No país que eu bem entender. Isso me movia muito também, compus coisas inspiradas nisso. Componho sobre a velhice, penso muito... Quando convivo e vejo pessoas idosas, isso me move também a compor. Mas, pra mim, também outra coisa que vem é uma questão meio mecânica, material assim... Às vezes você acha um desenho na viola que é gostoso de tocar daquela maneira, a mão passeia pelas cordas de um jeito, ali você vê que tem um recurso musical, a partir da parte mecânica também, isso me inspira. A própria cultura popular. Em Florianópolis também, morei um período lá, fiz várias trilhas para a Câmara Clara, grande parceira, um instituto. Ali a gente fez uma pesquisa, tinha cantos das rendeiras que é chamado Ratoeiras. Um tipo de cantar onde elas vão tirando versos, umas para as outras, de maneira improvisada, mas sempre seguindo uma melodia. Então eu recriei várias dessas melodias como trilha sonora e depois trouxe isso também para o meu repertório de músicas autorais voltadas para o instrumental de viola. Atualmente estou buscando novas inspirações para compor. A vida está um pouco corrida e acho que é importante conseguir parar um pouco, sabe? Quando você respira, você tem uma rotina, isso ajuda também. Mas não que seja fundamental, às vezes a gente precisa compor no meio do caos também. Então acho que é isso, mais ou menos isso, o que me inspira a compor é: as situações da vida mesmo.

Daniel: Você pode tocar alguma coisa?

Domingos: Posso! Essa música eu compus... Essa é uma que fala dessa questão da fronteira mesmo. E de um dia de saudade que eu estava sentindo do Brasil. Ela chama “Do esquecimento.” Quando você tem vontade de esquecer algumas coisas, mas você não... A gente não esquece por vontade, a coisa fica martelando ali na nossa cabeça. Então chamei “Do esquecimento” essa música.

[Toca na viola a música instrumental “Do esquecimento”, de sua autoria.]

Domingos: Essa é a “Do esquecimento.” *[Dedilha a viola]* Às vezes eu esqueço como tocar ela! *[Risos]* Mas hoje eu lembrei!

Sara: E arranjos, através de arranjos também você se expressa bastante, poderia falar de algum arranjo que você fez? O que te tocou ao fazer?

Domingos: É, eu gosto... De interpretar as coisas, gosto muito disso, pegar alguma coisa e fazer uma releitura daquilo, tocar da minha maneira. Tenho alguns arranjos que coleciono, também muito inspirado na cultura popular. Arranjar para a viola é bacana porque a gente pode trazer coisas de outros universos musicais pra dentro do bojo do instrumento e de uma maneira mais livre também. A gente pode recriar. Posso tocar um arranjo aqui que gosto muito, é o “Alecrim dourado”. Pode ser? *[Dedilha na viola]* Aquela cantiga: “Alecrim dourado.”

[Toca instrumental na viola o arranjo de sua autoria da música “Alecrim dourado”, composição de domínio público.]

Tati: Quais as qualidades de um bom violeiro?

Domingos: É, um violeiro... Qualidades que a gente pode considerar relevantes, acho que busco isso também, pra tentar ser razoável, pelo menos... Com certeza, tem a parte de manter uma disciplina mesmo de prática do instrumento, você estar em dia com aquilo. Procurar treinar sempre o repertório, exercícios, estar sempre praticando, vendo outros violeiros. Acho que a gente tem que ter a escuta aberta, sabe? Para outros violeiros também. Vejo que, às vezes, no universo de viola a gente se fecha muito. Então é bom observar os outros violeiros, os toques. Uma outra qualidade é gostar desse universo do instrumento, a pessoa se interessar pelo que leva outro violeiro a tocar, ou aonde nascem esses toques, as lendas do instrumento, essa questão cultural, que tem umas lendas junto, tem umas coisas místicas. Eu acho que isso também povoa muito o nosso imaginário em relação à viola, é importante gostar um pouco dessas coisas. E, de algum modo ou outro, se aproximar de onde a viola está presente, numa questão mais tradicional, que são as Folias de Reis, os Catiras, as próprias duplas caipiras. Tem muita dupla por aí tocando, é legal estar perto desses caras, ouvindo eles tocando, cantando... E uma coisa que aprendi desde cedo: é importante a gente poder conhecer as pessoas. Se você admira algum violeiro, algum instrumentista, ir atrás dessa pessoa, se possível conhece-la pessoalmente. Eu acho que isso acaba sendo uma virtude também pro violeiro, porque quando a gente consegue chegar

perto de alguém que a gente admira, noventa e nove por cento de chance que a gente cresce junto daquela pessoa, quando consegue ter um contato com ela, isso também é uma qualidade. A qualidade, nesse caso, seria o quê? A gente ir atrás, ter essa vontade, independente se é longe ou perto, ir atrás, buscar isso que você quer... São muitas as qualidades que a gente precisa procurar desenvolver! Conhecer bem do instrumento, conhecer os luthiers, conversar com os luthiers, perguntar para eles sobre as madeiras: “como que você faz isso?” Nossa, isso enriquece também muito a nossa linguagem musical. Conhecer essa parte de construção do instrumento, conversar com o luthier, fazer essa troca de informação mesmo. Porque o luthier nem sempre é músico então, quando a gente leva nossas necessidades para o luthier, ele também aprende muito e a gente acaba tendo um instrumento melhor. Poderia enumerar muitas coisas, mas eu acho que essas aí são algumas delas, das qualidades.

Daniel: É diferente compor para trilha e compor uma música?

Domingos: É diferente, é bastante diferente. A trilha... Eu, pelo menos, sinto assim... Quando vou compor algo para uma trilha fico pensando muito naquilo ali, tipo: o cara me deu uma imagem. Ou assim: “Ah, eu preciso de uma trilha pra determinada coisa.” Então meu pensamento fica dando voltas sobre isso que me foi passado. Agora, quando vou compor uma música instrumental livre, muitas vezes nem sei de onde eu parto. Às vezes parto de uma ideia que surgiu ali na hora e vou seguindo aquele fluxo, tentando achar. Ali vou juntando recursos técnicos, inspirações do momento, depois deixo a música dormindo, depois volto pra trabalhar nela. A trilha também tem um tempo limitado, a gente compõe um pouco mais objetivamente. Às vezes você tem um tempo também limitado praquilo, você procura compor o mais objetivo possível dentro daquilo. Agora, às vezes eu demoro tanto pra compor uma música, acabo nem terminando... Fica ali dormindo. Esses dias retomei uma composição antiga... Acho que a trilha, pra mim, funciona assim, sou mais objetivo, vou lá e componho. Mas a base da composição é isso: eu preciso achar um desenho legal na mão, aquilo precisa me mover também mecanicamente, o sentimento que aquilo passa também é importante. Acho que a composição instrumental, num trabalho artístico, é mais livre, talvez a diferença seja nisso, a gente pode experimentar mais, dependendo do caso.

Sara: Será que não tem, por exemplo, algum sentimento ou ideia persistente que você busca expressar através de músicas instrumentais? Você falou que a velhice é um tema que te ocorre, “Do esquecimento” você falou que também fez quando estava fora do Brasil, pensando nisso... Que outras coisas te trazem essa vontade de se expressar através da viola? Algum tema recorrente?

Domingos: É, outros temas recorrentes... Gosto muito da história de vida das pessoas, então componho muitas homenagens, isso é outra coisa que gosto de fazer. É recorrente no sentido de você se inspirar na vida de uma pessoa e ler várias vezes a biografia dela, ou buscar informações sobre as passagens da vida daquela pessoa. Também é uma coisa que

gosto de expressar, é como se fosse uma homenagem, uma gratidão àquela pessoa que já percorreu um caminho, talvez eu esteja passando por ele agora, e você vê como ela lidou com determinada situação, acaba sendo uma referência para várias outras pessoas. Eu gosto muito de homenagear as pessoas, tenho algumas homenagens assim. Acho que é essa relação, um pouco, que a gente tem com a viola também: a gente sempre tem uma relação com alguém que acaba sendo um mestre pra gente, ou uma mestra de instrumento. Também na vida, tem muitas pessoas que só o histórico da vivência dela acaba sendo uma inspiração pra gente sair, às vezes, de alguns labirintos, ou se firmar naquilo que a gente está em dúvida. Quando reconheço isso é natural, brota em mim uma vontade de homenagear, honrar essa pessoa que me ajudou de alguma forma, mesmo que ela nem saiba. Às vezes a gente compõe música pra pessoa, ela nem sabe que a gente existe, ou ela até morreu já.

[Toca na viola a música instrumental “O Senhor da Dança”, de sua autoria.]

Domingos: Essa música é uma homenagem. Acabou virando uma homenagem. Originalmente ela foi composta até com até outro nome. Quando compus, eu compus como “Fragmentos”. Isso também é uma coisa que sempre me vem, essa coisa de fragmentos mesmo... Fragmentos vindos por meio da memória. Sempre, na minha cabeça é como se fosse um quebra-cabeça de memórias, vem um fragmento de uma época, de outra... Esse ano, em especial, passei por um luto, minha avó faleceu. Então, nossa, isso vem muito forte. Nessa época eu compus ela como fragmentos, mas é engraçado porque quando eu tocava essa música sempre me vinha imagem, o semblante de um lama budista que é o Chagdud Tulku Rinpoche. E vinha aquilo, eu tocava e vinha imagem dele, tocava e vinha imagem, eu falei: “quer saber, essa música eu acho que é pra ele!” Dei a homenagem que é por nome de “O Senhor da Dança”, como ele é conhecido. Muito interessante, porque essa coisa dos fragmentos que ficam vindo na nossa mente por meio da memória, lembranças, enfim... É como se fosse uma dança mesmo, fantasmagórica, de coisas que você viveu num tempo... Memória, memória é uma coisa meio fantasmagórica, ela fica passando na nossa mente, girando. E o Chagdud Tulku Rinpoche é o Senhor da Dança, justamente por conta dele ser um mestre budista e tudo, ele era reconhecido como alguém que não oscilava diante dessa dança do mundo, que por vezes nos engana, ou a gente acaba caindo em alguma ilusão, em alguma coisa que nos deixa iludido. Então ele tinha essa coisa de ter a visão clara diante das situações. Engraçado porque é como se fosse o oposto, o momento que ela surge e depois a quem ela serviu de homenagem. Porque na verdade é a mesma coisa, o oposto, mas talvez é essa busca do equilíbrio diante das aparências mesmo, que surgem na nossa vida e às vezes a gente se assusta, ou às vezes a gente relaxa demais, então eu acho que é um pouco isso. Ah, e claro, também, a vida dele. Ele teve que sair do Tibet fugido, foi pra Índia quando houve a invasão chinesa. Então você tem lá pessoas estabelecidas numa vida, enfim, com a sua família e de repente aquilo tudo vai por água abaixo, as pessoas chegam rasgando, pisando em cima dos seus símbolos. Eles saem do Tibet como pessoas que têm um conhecimento profundo sobre a natureza da mente, coisas desse tipo, vai chegar num país vizinho e lá ele vai quebrar pedra, vai fazer estrada, vai ganhar uma mixaria, vai ser ninguém.

Depois disso tudo acaba ainda conseguindo restabelecer o seu trabalho como lama e ajudar muita gente, para além da própria Índia e do Tibet. Então eu acho essas histórias muito inspiradoras!

Daniel: Qual foi a importância de entrar em contato com tantos violeiros nesse trabalho de pesquisa que você vem realizando nos últimos anos?

Domingos: Essa é uma coisa também muito bonita, muito especial. De certa forma poder realizar esse trabalho é uma continuidade daquela busca que eu tinha no início. Ligava pro Braz, mandava e-mail pro Ivan, fui atrás de fazer conservatório. E sempre que podia também estava junto com o pessoal, os violeiros mais velhos, onde eu podia encontrá-los. Lá na minha cidade também teve, e tem ainda, uma Folia de Reis. Ali pude participar, conviver com as pessoas que têm uma vivência, essa vivência musical que é atrelada a outras coisas, em que a prática musical não é o fim em si, ela está envolvida com uma questão ampla de comunidade. Já me despertava muito para a importância do instrumento que é a viola. Depois, quando a gente começa a fazer essas pesquisas de entrevistar os violeiros numa conversa, digamos assim, um espectro bem largo de perguntas, de diversos temas, não só da música, acho que isso me tornou um violeiro muito melhor. Ter entrado em contato com essas pessoas, conhecer a realidade de cada uma. Como cada uma lida com o instrumento, a sua maneira de compor, de tocar e de ver o mundo através do instrumento. Nossa, foi uma outra escola que eu tive! Aliás, as minhas escolas são essas... As escolas informais, essa escola que a gente vai aprendendo com o outro. A importância, para mim, de estar realizando esse tipo de trabalho é fazer com que eu sempre seja um violeiro melhor, sabe? Porque são muitas visões diferentes. São muitas realidades diferentes. Eu me pego, às vezes, lembrando de uma pessoa: nossa, aquela pessoa falou tal coisa sobre viola e eu nunca tinha pensado dessa forma. Às vezes ela nem é um músico profissional, ela tem uma vivência empírica. E também, eu acho assim, de não desistir. Às vezes a gente pensa: ai, vou abrir mão disso daqui e tal. Quando tenho contato com essas pessoas eu vejo como é importante para elas, muitas estão realizando um sonho só o fato de ter um instrumento pra tocar e poder fazer parte de um grupo, de uma roda de viola, alguma coisa assim. Também quando a gente consegue entrevistar e estar junto de violeiros que são profissionais e têm uma estrada longa, nossa, ali também a gente aprende muito sobre tudo. Sobre o que a gente está fazendo, às vezes é bom a gente se perguntar: mas a gente está entrevistando pessoas, qual o fundamento disso? O que isso representa pra mim? A gente entrevistou Zé Mulato e Cassiano, aquela entrevista foi muito marcante pra mim, porque eles tocaram em pontos muito cruciais da vida do músico e da nossa vida mesmo, enquanto ser vivente. Sem dizer que é, com certeza, a realização de um sonho, acho que todo violeiro gostaria de ter a oportunidade de fazer isso. Com certeza! Ir em busca de outros violeiros, violeiras, se aproximar mais desse universo. Porque quando vai fazer essas entrevistas a gente mergulha nesse mundo da viola. Do jeito que ele é mesmo. Você vai entrevistar uma pessoa que acaba de chegar do trabalho, ou enfim, as realidades são muitas. Isso também me enriquece muito enquanto professor, enquanto músico, compositor. E a cada trabalho também eu vejo,

nossa, a importância e a riqueza... É isso que estava falando no começo, dessa memória musical que as pessoas têm a partir da viola. É uma faculdade isso. Como a pessoa desenvolve um saber, no caso a gente está falando de viola... Muitas pessoas não têm a oportunidade de falar sobre o que elas sabem. Então a gente sempre parte de violeiros anônimos, pessoas anônimas. Essa pessoa também revela pra gente um mundo incrível do que ela aprendeu, do que hoje ela ensina. Como a pessoa se vira, como ela faz para aprender o instrumento também em situações onde você não tem acesso. Eu acho que nos cursos de música, principalmente dos instrumentos, digamos, que têm uma tradição brasileira, deveria ter um módulo onde as pessoas vão ao encontro com outros músicos, sabe? Os músicos anônimos, isso enriquece demais a bagagem musical. De vida também, é muito especial. Eu sou muito grato de poder fazer esse trabalho, de conhecer, as pessoas se abrem pra gente, contam suas histórias. Então poder ouvir isso e passar adiante, disponibilizar para as pessoas é algo maravilhoso.

Daniel: Parece que tem um universo em torno da viola, não é só falar de música?

Domingos: É, justamente. Eu acho que essa coisa... Uma vez um amigo falou pra mim: “ah, mas pesquisar sobre viola é chover no molhado”, não sei o quê... Como se fosse algo desimportante. Pelo contrário, ir atrás dos violeiros é você falar, às vezes, mais desse universo que está no entorno do instrumento, do que propriamente da música. Às vezes a gente vai conversar sobre viola, faz uma pergunta sobre viola, a pessoa responde uma coisa pra você relacionada à morte de um amigo violeiro. De um ensinamento que ele teve de um mestre, que quando um parceiro seu de viola morre você não pode utilizar aquela viola por pelo menos um ano, e depois quando ele utiliza a viola dá um problema no instrumento, sabe? Umass coisas assim que parecem lendas, mas acontecem com as pessoas. Você pergunta pra pessoa alguma coisa relacionada à viola, ela vai brilhar o olho pra falar sobre os valores, por exemplo, que vêm junto com o instrumento, de se reunir com as pessoas, a partilha, de estar junto com o outro. Então tem tudo isso e acho que isso move muito as pessoas a querer tocar também. Às vezes a pessoa é pega por um sentimento. Às vezes a pessoa gosta de ouvir histórias, as histórias das afinações, mesmo essa coisa de pacto, esse mundo de causos assim. Tem gente que é pega por isso, pelo caso a pessoa vai para a viola. Tem gente que chega na viola, não sabe nada e de repente começa a ir para esse outro mundo mais da convivência. Às vezes a pessoa chega para o instrumento, mas o instrumento joga para uma coisa maior que ela não esperava. Nos cursos de viola é engraçado, dei aula muitos anos em orquestra sinfônica e tinha os cursos de violino, violoncelo e de viola. Acabava a aula, todo mundo ia embora, ficava a rodinha dos violeiros conversando ali! Os violeiros, com certeza, estão falando desse universo que compõe o instrumento, a viola, por isso que ela é mais do que um instrumento musical. A pessoa, é como se ligasse uma anteninha, fica mais esperta com o que acontece com ela. A viola traz um pouco disso mesmo. Uma coisa mística da vida. Com certeza, eu acho que é isso. Pra mim a viola é isso, ela resume numa coisa mística, sabe? *[Dedilha a viola]*

Daniel: O Roberto Corrêa disse que está ligada muito ao atávico...

Domingos: Exatamente, é esse mundo, esse universo da viola é essa coisa atávica que vem vindo. Uma coisa ancestral que as pessoas vão sendo impregnadas daquilo. *[Segue dedilhando a viola.]* Então, eu me sinto caipira assim, do meu modo urbano. Minha família, tem uma parte que veio pra cidade, a outra ficou no campo até hoje, tem tias que moram no sítio. Mas eu comecei a descobrir esse mundo ainda no início da adolescência, quando comecei a viajar, minha mãe começou a viajar para visitar os tios dela do sítio. Lembro a primeira vez que fui no sítio, meu tio pegou um pinhão assim e mostrou pra mim: “você sabe o que é isso?” Eu não sabia o que era aquilo. Daí ele me trouxe um pinhão cozido pra comer. Nossa, ali eu também descobri esse ser caipira! Foi muito especial. Então acho que sou caipira porque quando ia pra visitar os meus tios eu me identificava muito com aquilo, sabe? De ficar no fogão à lenha, de colocar um queijo pra derreter na chapa, essas coisas! *[Risos]*

Daniel: Como você definiria o som da viola?

Domingos: *[Dedilha instrumental na viola]* Olha, difícil definir o som da viola, sabe? Você pode falar assim: ah, é um som estridente, um som agudo, um som mais grave, dependendo do instrumento. Mas eu tenho dificuldade de definir o som da viola, sabe? Acho que cada coisa que você toca é como se a viola tivesse um som. Então quando ouço uma dupla caipira, o som que a viola tem é outro em relação a um violeiro instrumental ou um violeiro tradicional do sertão, sabe? A viola é muito diversa. A mesma viola, esse instrumento que todos nós tocamos, a viola caipira, na mão de cada um vai ter um som... Umas coisas vão pintar mais que outras, então o som da viola é um som que depende do ser humano que está tirando o som dela, sabe? Eu acho que é isso: o som da viola depende de quem está, a peça que está atrás tocando. Ela pode ser um som agressivo, pode ser um som nostálgico, pode ser um som festivo, pode ser um som misterioso. A viola depende de quem está tocando, depende do momento que você está ouvindo também... Claro que é uma pergunta objetiva, mas não consigo ser objetivo... Acho que é isso: a viola é um som diverso que depende de quem toca. Mas, tecnicamente, essa viola, por exemplo, ela tem... *[Dedilha na viola]* Um médio e um grave e um pouco de agudo que eu gosto muito. Principalmente quando a gente toca aqui essas escalinhas *[Exemplifica na viola]* Enfim... Aí tem gente que toca de dedeira, tem gente que toca só de unha. Tem gente que afina em Mi *[Exemplifica na viola]* Tem gente que afina em Mi bemol *[Exemplifica na viola]* Tem gente que afina em Ré *[Exemplifica na viola]* Tem outras afinações também. Por exemplo, o som da viola afinada em Rio abaixo é um som que me traz muito mistério, é um som mais introspectivo. O som da viola, acho que é muito isso, a viola é um instrumento muito sentimental, então é difícil você definir o som da viola assim, puramente. Gosto de definir assim o som da viola: ele é misterioso, ou ele é festivo, ou ele é nostálgico. Eu acho que é uma maneira justa de falar do som do instrumento.

Sara: Você falou que a viola, nas suas composições, às vezes, você traz sentimentos. Mas o lugar que você está localizado também vem pra dentro desse instrumento? Esse instrumento também é um elemento de conexão com o quê? Com a espacialidade do

campo a gente percebe. Mas e com a cidade, a cidade cabe dentro desse instrumento também, como que é isso?

Domingos: Com certeza! Acho que a viola é um instrumento muito urbano também. A viola caipira tem esse apelo forte com a questão rural. Até porque a memória ainda é muito recente de quem veio do campo pra cidade. É muito recente, você pode pensar cinquenta anos, sessenta anos é pouco tempo, quarenta, trinta anos... No Brasil a viola caipira acabou sendo essa porta voz da cultura do homem do campo, da cultura do caipira. Mas é um instrumento muito urbano porque ela é versátil, o que quiser tocar na viola você pode. Só que o diferencial da viola é justamente esse timbre, essa possibilidade que a gente tem de ter esse timbre marcante por conta das cordas duplas, isso também é um diferencial. A viola, hoje em dia, o nível que a gente tem de composição, a viola abriu tanto que representa, pra mim, a urbanidade. Eu sou uma pessoa super urbana e ouço muito viola. Adoro estar num metrô ouvindo viola, enfim, andando nas ruas ouvindo um disco de viola. Me sinto conectado com a cidade ouvindo viola. E os lugares onde vivo, por onde eu passo, me influenciam totalmente. Claro que nem sempre a gente consegue expressar esse envolvimento com os locais que vive, ou que a gente passa, no instrumento, em termos de composição. Às vezes você está tocando uma música que é antiga, você tocou mil vezes, mas está pensando naquela experiência que você viveu naquele dia. Acho que isso também é uma conexão. Às vezes você viveu uma situação, na hora lembra de uma música e tem vontade de tocar pra extravasar esse sentimento que você viveu. Mas, por exemplo, compus uma música que chama "Solidão alentejana." Quando eu estava em Portugal, a configuração das cidades ali do Alentejo, são cidades pequenas e cheguei lá numa situação de inverno. Então poucas pessoas nas ruas e durante o dia muitos idosos sozinhos. Eu vi aquilo tudo, nossa, me comovia muito e aí, a partir dessa sensação, dessa emoção, consegui compor algo. Mas nem sempre eu consigo. Gostaria, talvez tenha que me esforçar mais, porque a gente vive tanta coisa e poder fazer um registro desse sentimento por meio de algo – no meu caso seria música –, é sempre especial. Como eu faço poucas, essas impressões são poucas, mas que me marcam muito, então quando toco eu me volto praquele lugar. Acho que é isso!

Tati: E sua história, sua relação aqui com Brasília?

Domingos: Brasília... Eu vim do interior de São Paulo, uma cidade relativamente pequena, mas não tão pequena, também não tão grande. Gosto muito de Brasília, o Distrito Federal, vamos dizer assim, é um lugar que sou apaixonado. Desde a vegetação, o cerrado, a primeira vez que vim pra cá já senti isso na hora. Quando fui pra Chapada dos Veadeiros, também, eu senti que estava diante de uma vivência, vivenciando um lugar muito especial, aquilo me marcou. Eu vinha passear em Brasília, até então não morava. Mas depois que vim morar aqui se estabeleceu essa conexão, porque Brasília é uma cidade que tem muita viola. Tem muitos violeiros, violeiras, cheguei aqui e foi muito rápida a adaptação. Porque cheguei em 2015, aí o Roberto Corrêa ainda dava aula na Escola de Música [de Brasília]. Fiz a prova lá, acabei ingressando e entrei na cidade meio que por esse viés da viola. Então logo eu

comecei a conhecer os violeiros, comecei a dar aula. Assim fui vivenciando Brasília de uma maneira muito bonita porque quando você pode vivenciar um local a partir daquilo que você mais gosta de fazer é muito bonito, muito importante. No meu caso é a viola, dou aula, toco, então, nossa, os meus alunos aqui viraram todos meus amigos. Eu gosto muito desse horizonte que a gente tem aqui em Brasília, no Distrito Federal, no cerrado, você vê o céu longe. Brasília é uma cidade que tem os seus problemas, como todas as outras cidades do Brasil têm. Tem essa fama política, um pouco é fruto... Enfim, tem esse aglomerado político, se aglomera aqui essa questão da presidência, os ministérios. Mas muita gente fala sem saber o que é Brasília. Falam assim: “ah, está lá os ladrões, não sei o quê, a política está lá em Brasília...” Mas aqui, quando eu penso em Brasília, Distrito Federal, a primeira coisa que penso é na cultura rica que existe aqui e que pude vivenciar. E me sinto também, de novo, agora, muito grato de poder percorrer o Distrito Federal mostrando o que tem de viola aqui nesse lugar. É uma espécie de homenagem que a gente pode fazer a esse lugar que gosto muito. Eu me lembro, quando comecei a fazer as pré pesquisas, aí você vai conhecendo os lugares e os violeiros de cada lugar. Na Ceilândia, conheci os cantadores, ia na Feira da Guariroba e você de repente encontra os cantadores fazendo uma cantoria ali pé de parede. Aí você vê o envolvimento das pessoas, tem gente que fica a manhã inteira ouvindo um cantador ali cantar e fica pagando, pedindo tema, pedindo mote. Nossa, aquilo, eu falava: que interessante! Aí depois você vai pra Planaltina. Chega em Planaltina vê a devoção daquelas pessoas com o Divino Espírito Santo, com Santos Reis, São Sebastião e as outras Folias que eles fazem lá. Uma cultura mais caipira, ir pra Planaltina, a gente sente mais forte o Goiás também. Depois Brasília, o Plano Piloto mesmo, você tem manifestação de uma viola urbana ali, também uma viola múltipla que está em várias esferas, vários segmentos musicais, uma viola contemporânea. E as duplas caipiras que estão espalhadas por todo o território, enfim. Então acho que além dessa questão mesmo do cerrado e de ter pessoas queridas aqui também... A questão de ter um envolvimento com a cidade por meio da viola, isso também é um elo muito forte com Brasília pra mim.

Daniel: Você acha que aqui é uma “arca de Noé cultural”?

Domingos: Sem dúvida! O Zé Mulato e Cassiano falam sobre isso, que aqui é uma “arca de Noé cultural”. É interessante porque ele fala uma outra coisa muito verdadeira: “aqui, tudo que tem de cultura no Brasil aqui tem uma mudinha”. E ele fala: “uma mudinha muito forte porque quem deixa o seu lugar vem saudoso da sua terra e quer trazer o que tem de melhor lá, e ele traz o que ele tem de melhor.” Então você vai pegar os cantadores repentistas, é uma cantoria de verdade que eles fazem, não é brincadeira aquilo. Você pega a pessoa, um violeiro caipira que veio de Minas Gerais, do interior de Minas, do interior de Goiás, que tem um fazer musical, você vê que aquilo é verdadeiro, ele não está brincando com aquilo, ele faz aquilo de verdade. E Brasília acaba se beneficiando disso, nós que estamos morando aqui, a gente tem esse mosaico. A gente está falando só de viola, mas se começar a falar de outras manifestações populares, vai encontrar a mesma coisa. Vai ser a mesma coisa: vão ter várias mudinhas. Uma “arca de Noé cultural” por causa disso, tem de tudo um pouco. Você

pensa em Maracatu, tem o Maracatu. Viola caipira, tem viola caipira. Rock, tem o Rock. Samba, tem Samba. Choro, tem Choro. Então essa “arca de Noé cultural” veio de tudo, com certeza. É uma “arca de Noé cultural” e vou falar pra você: é pouco conhecida pelos próprios moradores aqui também. Pouca gente, não pouca gente, mas muitas pessoas não conhecem o valor cultural do Distrito Federal. Às vezes gosto de brincar, estou no Plano Piloto conversando com algum amigo, aí eu falo: “você sabe o que acontece em Planaltina, por exemplo, musicalmente, na viola, tal?” “Ou em Ceilândia?” Enfim... Ou: “Você sabe se tem algum violeiro em Sobradinho?” Eu gosto de ficar brincando pra testar o conhecimento das pessoas, claro, que são do meio. Porque é curioso você viver num lugar tão diverso e também, em certa medida, desconhecido. O Brasil mesmo conhece muito pouco Brasília, então a gente tem que conhecer um pouco mais e acho que a gente está contribuindo de uma maneira muito importante, sabe? Ligado diretamente à viola, mas acho que as pessoas vão ficar surpresas com o que elas vão descobrir em Brasília em relação à viola. É muita coisa!

Daniel: Você acha que o Brasil já reconhece a importância que a viola tem na cultura e na história?

Domingos: É, a gente está caminhando para um reconhecimento em nível de Brasil. Mas importantes medidas, iniciativas já têm acontecido, por exemplo, Minas Gerais já reconhece a viola caipira como Patrimônio Imaterial do estado de Minas Gerais. Isso é um reconhecimento por parte do estado brasileiro. Ainda mais Minas Gerais que é um estado, uma região, as Minas, vamos dizer, é uma região histórica muito importante e a viola passou por ali. Depois, com certeza, ela se espalhou pelo sertão. Então ali a gente tinha aglomerados de luthiers que vinham de Portugal ensinar as pessoas a fazer viola aqui e também faziam as violas. Tinha uma metodologia, era bastante rígido a questão das madeiras que você utiliza e após esse período, esse ciclo áureo, essa coisa do ouro e tudo, as pessoas que estavam também naquela localização foram dispersando, vem surgindo uma cultura mais camponesa, uma coisa mais rural, mais do sertão... Do sertão no sentido também de lugares ermos, essas pessoas, de certa forma. É uma coisa que tenho pra mim, baseado em alguns estudos que hoje são revelados do que existia na época, dos toques dos violeiros da época, isso foi também uma coisa que foi povoando, aos poucos foi virando memória na mão dos violeiros. E acaba virando o que nós temos hoje, são os toques de viola, os ritmos, muito atrelado à questão religiosa. Um dos maiores patrimônios do Brasil é a música e a viola, com certeza, é uma porcentagem muito grande dentro desse patrimônio. Porque no período colonial a viola era o instrumento acompanhador. A viola, hoje a gente vê muito o violão, mas naquela época, no Brasil colônia, era a viola que fazia esse papel. Então é como se o Brasil hoje... É como se nós estivéssemos no momento de reconhecer o valor que esse instrumento tem e ao mesmo tempo reconhecer a importância histórica dela nesse período pré caipira, vamos dizer assim. Num período pré viola nordestina, período pré viola machete, enfim, um pré todas as violas que nós temos no Brasil. É claro que falta muita coisa, mas acho que a gente está fazendo a nossa parte, muita gente trabalhando,

mostrando a viola de uma maneira que o ouvinte musical de hoje em dia – não importa se ele seja conhecedor de música de viola ou não –, quando ouve viola caipira hoje – seja o trabalho tradicional ou um trabalho de compositor atual contemporâneo –, acho que a pessoa, de alguma maneira, ouve aquilo, entende que é diferente e aos poucos ela reconhece que aquilo tem uma importância. Porque no meio de nós violeiros, onde esse instrumento acontece, se dependesse da gente isso daí era um instrumento totalmente reconhecido e muito mais divulgado. Mas é como o Fernando Deghi fala: “esse aqui é o século da viola, da viola caipira ou da viola brasileira”. É justamente por conta disso, dessa demanda. O Roberto Corrêa também tem atentado a isso, ele fala do avivamento da viola, que a partir dos anos sessenta a viola começa a fazer parte de movimentos musicais fora do contexto da música caipira. E também o Ivan Vilela traz essa questão das duplas caipiras como cronistas também de um período. Do período que se vivia no campo, do período do êxodo rural. Então reconhecer a viola como um patrimônio do país é algo urgente porque a viola está atrelada à história do país, em certa medida o Brasil reconhece que é isso, dando vazão a esses projetos de reconhecimento via IPHAN, via meios legais. Aqui em Brasília também já foi criado o Dia do Violeiro Caipira, eles vão no Senado, fazem uma sessão lá. Tudo isso são ações muito importantes que colaboram para esse reconhecimento.

Daniel: Mas teve o desfile da Copa do Mundo e não tinha nenhuma viola!

Domingos: É, tem muito, quando a gente vai mostrar o Brasil pro mundo, de pegar algumas coisas que estão mais nos litorais, tem essa coisa do samba. Mas lá eles mostraram algumas manifestações do Nordeste, nessa abertura da Copa, Bumba meu boi, se não me engano, Maracatu. Também são manifestações que têm um reconhecimento muito grande do estado. Por exemplo, o Maranhão reconhece o Bumba meu boi como algo super importante porque não só atrai o turismo, como também gira a economia e é algo importante ali da comunidade, do estado todo. O Maracatu também, não sei dizer formalmente qual é a ação do estado em relação à preservação do Maracatu, mas a gente vê, por exemplo, no interior de São Paulo, no interior do Brasil todo as pessoas estão fazendo Maracatu. As pessoas têm engajamento com o Bumba meu boi, com Côco de roda. E isso se deve por quê? Porque são manifestações que estão sendo mais divulgadas, estão tendo um espaço maior por diversos fatores, seja um artista que levanta essa bandeira, sejam grupos organizados. A viola sinto que está nesse momento, as pessoas estão se organizando em relação ao instrumento. Você ouve, já no país todo, sabe que existem Orquestras de viola. As produções acadêmicas estão cada ano aumentando. Nunca se gravou tanto discos, CDs de viola. Partituras, isso é importante, eu também faço parte desse momento de transcrever partituras de violeiros e a publicação dessas partituras, a disseminação disso. É bonito também, por outro lado a gente estar vivendo essa história, ajudando a construir isso daí. Vai haver um tempo, de repente, já está acontecendo isso, você está, sei lá, em alguma cidade do Recife e o pessoal está tocando uma música de um violeiro do interior do estado de São Paulo. Igual já acontece, a gente vai estudar viola caipira em conservatório e já tem músicas de violeiros como o Adelmo Arcoverde, por exemplo, um violeiro de Recife, tem toda essa linguagem da música

nordestina. Está havendo esse intercâmbio. Eu acho que a viola, nesse sentido, está indo para um caminho maravilhoso, está muito organizada essa troca de informação. Com o pessoal da viola machete também, eles estão construindo, estão dando curso pras pessoas aprenderem a fazer viola machete, ensinando as crianças a sambar e a tocar viola. No litoral norte do Paraná e no [litoral] sul de São Paulo tem essa coisa da viola de fandango também, é bonito de ver como eles estão engajados em fazer com que dê certo isso, construindo violas, ensinando as crianças. É incrível! Esse momento que a gente está vivendo da viola é maravilhoso.

Daniel: Pra questão de ensino, qual você acha que é o grande desafio hoje?

Domingos: Eu acho que o desafio talvez seja essa formalização, essa sistematização do ensino do instrumento de maneira onde possa ser um pouco mais universalizado o ensino do instrumento. Ainda, nas universidades, cada professor – das poucas universidades que têm o curso –, cada um ensina à sua maneira, sistematizam aqui e ali, a gente não tem algo estabelecido... Por exemplo, se comparar a quantidade de materiais que tem para piano, violão, guitarra, demonstra o quão esse instrumento já foi sistematizado para ensino. A viola a gente tem assim: determinado violeiro tem um método, você tem uma série de pessoas que são adeptas àquele método e outras não. Aí você pega outro violeiro que tem outro método e outros utilizam aquele material. Quando eu ando por aí, converso com as pessoas, ainda é assim: “como é que você usa o polegar, é assim, é assado?” Então falta ter uma coleção, um arcabouço de tudo que a viola engloba. Na verdade nem sei se vai chegar a isso, porque a viola é tão diversa, mas o que sinto é um pouco essa dificuldade de aglomerar tudo que envolve esse instrumento e criar um curso. É um desafio: como você representar a viola na sua totalidade, na escolarização do instrumento, é mais ou menos esse pensamento que eu estava querendo chegar. O desafio é esse: como você falar de viola sem deixar a questão tradicional, como você trazer a tradição, mas também não deixar de lado a questão contemporânea... Algumas coisas estão sendo aos poucos resolvidas, por exemplo, essa questão da partitura, cada vez mais as pessoas estão aderindo. Sempre partitura e tablatura, aos poucos a tablatura vai saindo, mas acho que ainda a tablatura vai perseverar. Outra dificuldade é a questão musical, por exemplo, no conservatório musical, às vezes você tem uma turma de viola e esses alunos têm a tendência a ficar entre eles. Então você tem que estimular o aluno a pegar, por exemplo: você toca viola, vai ali fazer uma prática de conjunto onde vai estar com um guitarrista, um baterista e um trompetista. Acho que esse é outro desafio: a gente despertar cada vez mais o violeiro pra questão musical mesmo. Porque a viola, como é muito forte essa questão dos toques, o violeiro também é solitário de tocar os ponteiros, isso acaba isolando ele um pouco da questão musical mais abrangente. O desafio passa por isso também, da gente estimular os violeiros a fazer música com outros músicos mesmo. É isso.

[Toca na viola a música instrumental “Gedeando”, composição de sua autoria.]

[Toca na viola a música instrumental “Baião das memórias”, composição de sua autoria.]

Daniel: Que conselho você daria aos jovens violeiros?

Domingos: Um conselho aos jovens violeiros: sair um pouco dessa coisa de vídeo, ficar vendo só vídeos e se encontrar mais com as pessoas para tocar. Acho que isso é uma dica boa: procurar se encontrar com os outros instrumentistas, com os outros violeiros. Procurar fazer música junto. Em especial, para quem é da viola, exercitar isso de sair do mundo da viola para ir também para outros universos musicais. A outra: para quem quer realmente estudar, buscar aprender o instrumento de verdade e vir a ser profissional. Buscar um bom professor e estudar de fato o que está sendo compartilhado ali. Colaborar com o professor. Por exemplo, às vezes o professor está te passando algum material que é uma ideia na cabeça dele. Você pode pegar essa ideia e ajudar a colocar no papel, você pode escrever isso, sabe? Também tomar para si as coisas que você aprende dessa maneira. É muito legal, fiz muito isso, às vezes um professor estava querendo me ensinar alguma coisa só que ele só tinha a ideia, estava rabiscado, eu ia lá, escrevia na partitura. A gente ganha muito com isso, intensifica nosso contato com o material, com o aprendizado. Ouça muita música de viola, com certeza, todos os estilos possíveis dentro da viola, mas ouça música do mundo todo também, sabe? Músicas do jazz, músicas tradicionais de outros povos, enfim, ouça música, ouvir música clássica, música popular, rock, ouvir todos os tipos de música. E cuida do seu instrumento, procura cuidar da melhor maneira que você puder. Guarda ele num lugarzinho bem guardado. Quando tiver que guardar limpa ele, fica atento às cordas, às vezes você não precisa deixar o seu instrumento um ano com a mesma corda. Dá uma olhadinha aqui como está a compensação no rastilho da afinação. Procura deixar sua viola um instrumento melhor, que você possa ter mais tocabilidade. Com certeza assim você vai ser um melhor violeiro. E colabore com os camaradas, com os amigos, quando você estiver fazendo música com os outros também, colabore, não seja aquele cara chato que só faz o que quer. Quando você está no meio do pessoal colabore, dá a vez pro outro, vai ter a sua vez também. Então acho que essas coisas são importantes para quem quer seguir a música: ser uma pessoa colaborativa.

Daniel: O que é a vida? [Risos]

Domingos: O que é a vida? Olha, essa pergunta é uma pergunta que a gente deveria se fazer no decorrer da nossa vida, porque dependendo do momento que você está você vai ter uma visão. Hoje pra mim a vida é uma coisa assim, é um embate. Eu fico pensando: o que é a vida? Às vezes eu penso se tudo que a gente faz na vida, a gente se esforça, faz tudo aquilo e depois isso vai ficar? Às vezes me confronto um pouco com isso. Estou num momento que estou pensando muito em luto, estou de luto, estou pensando no meu pai, ele adoeceu, então esse ano eu passei por um luto e por uma doença na família. Isso revirou muito meus pensamentos. Se eu desse essa resposta há um ano, nem sei o que diria, mas hoje eu penso que a vida, rapaz, é difícil, o que é a vida? Eu não sei, não consigo sistematizar, mas eu sinto, a vida é assim: é pensar como seriam as coisas se você tivesse agido assim, como seria se você tivesse deixado de agir assim. E ao mesmo tempo você pensa: não, mas não tenho que pensar como seria, tenho que ir lá e fazer. Então a vida para mim é um embate das coisas

que eu deixo de fazer com as que eu tenho que fazer. Também fico pensando sobre isso, sobre meus familiares, tenho um sobrinho criança, fico pensando que sentido faz, às vezes? Está meio pessimista minha visão, no momento, da vida, mas se eu fosse definir: o que é a vida? É, eu acho que a vida é uma constante reinvenção, sabe? De si próprio. A vida é uma constante reinvenção. Tentar ir sempre se reinventando, acho que isso... A maturidade traz um pouco isso pra gente, sabe? Esses dias estava conversando com um colega, ele falou: “ninguém avisa que a gente começa a envelhecer a partir dos trinta [anos]!” Eu achei interessante isso porque estou com 35, vou fazer 36, nossa, estou começando a pensar umas coisas que eu jamais pensei que estaria refletindo sobre isso, não é? E traz uma força para eu me reinventar, sabe? Então por isso que eu acho interessante, admiro muito e gosto de homenagear as pessoas mais velhas que conseguem se reinventar no decorrer da jornada delas. A vida necessita que a gente se reinvente, acho que é isso: a vida é se reinventar. Porque a vida não é uma coisa só, a gente tem que se reinventar de acordo com a situação que está vivendo. Não que a gente vai ser um camaleão, não é isso, é se reinventar para conseguir realizar as coisas que fazem sentido pra gente. Então a vida, pra mim, é se reinventar em todos os aspectos. Se a gente for pensar da vida, eu acho que precisa de reinvenção. Re-Invenção. Porque também se paralisar a gente morre, atrofia o pensamento, atrofia o corpo. Então a vida pra mim é se reinventar.

Daniel: E pra finalizar, pra você o que é memória?

Domingos: Memória... Então, é essa coisa que falei um pouco da resposta da vida, tem a ver. Porque eu sou visitado pela memória diariamente, no sentido da memória desses arquivos mesmo das nossas vivências, do que a gente traz na vida. Eu até tinha um amigo, ele falava que sofria porque ele tinha boa memória. Achei engraçado isso na época! Eu não entendia, faz muitos anos que não o vejo, mas ele dizia que sofria porque tinha boa memória, então ele lembrava muito das coisas não tão boas, tal. Mas eu acho que a memória é fundamental pra gente se reinventar, sabe? Eu vejo, as coisas que penso hoje por meio da memória são fundamentais para que eu me reinvente. Então a memória é isso, tem essa coisa da gente ter essa memória, lembrança das coisas. Ah, eu fiz isso aquela hora, vou fazer isso ou aquilo, eu tenho memória para viver independente. Eu acho que a memória é relacionada com a independência do ser humano. Um ser humano sem memória é dependente de tudo, dos outros. Então a memória é um diferencial, o ser humano ter essa memória tão aguçada e com inteligência, nos dá independência. Mas, sobretudo, o que eu penso de memória hoje é o que tenho refletido por meio da memória, dos fragmentos da minha vida até hoje. Eu vejo que é importantíssimo pensar o que vivi para eu me reinventar, pra seguir adiante. A memória é como se fosse, como posso dizer... Uma tecnologia que a gente traz, ela é muito útil pra gente se reinventar, seguir em frente e não esquecer mesmo de coisas que a gente deve lembrar. Lembrar de não esquecer algumas coisas! Momentos históricos mesmo que a gente vive na humanidade, hoje em dia a gente vê muito isso, contextos históricos que são esquecidos por determinados fatores e a gente pode acabar caindo de novo em algumas ciladas e tal. Mas a memória é como se fosse uma tecnologia que a gente tem a favor da

nossa reinvenção. Pra lembrar do que a gente foi, do que a gente é e do que a gente pode ser. Eu acho que a memória também passa, ela vai além do passado, presente e futuro. Quer dizer, vai além do passado e do presente, ela também permeia o futuro. A memória está ao lado mesmo da recriação, da reinvenção das coisas. A memória, eu acho isso mesmo, tem que falar mais sobre memória, porque a memória... O ser humano, nós, conforme a gente vai envelhecendo precisa aprender a cuidar mais da memória. Acho que é uma questão de saúde pública também fundamental. Eu vejo, às vezes, pessoas debilitadas, com o corpo doente, mas com a cabeça tão lúcida que com aquela memória em dia, com aquela mente lúcida, ela consegue ter uma certa independência. Agora, vejo pessoas que estão num corpo bom, aparentemente, mas sem memória, então... Eu conheci um grande artista, o Ilo Krugli, que faleceu recentemente, uma grande referência do teatro no Brasil. Ele morreu aí com seus oitenta e nove anos, pouco antes dele morrer, um mês antes eu o encontrei. Eu falava com ele: "seu Ilo, tudo bem?" Tal... E aí ele me perguntava como era meu nome. Aí a gente conversava mais um pouco, ele perguntava de novo meu nome. Então toda hora ele ficava perguntando meu nome. Ele falava coisas incríveis que com certeza, cada fala ele não se recordava do que havia dito. Era uma coisa muito estranha conversar com uma pessoa que não tem memória e ela te vê como um estranho a todo momento. Sobretudo, memória pra mim é isso: memória é a tecnologia de reinvenção de si próprio. *[Dedilha a viola]*
